

## Versão medieval inédita do Livro de Jonas

A propósito do catálogo dos livros da biblioteca de Dom Duarte, conservado no *Livro chamado da Cartuxa d'Evora*, hoje códice 3390 da Biblioteca Nacional, escreveu o Prof. Costa Pimpão: «A livraria (de Dom Duarte), parte da qual foi pertença do Pai, é um exemplo da extensão das perdas que sofremos no que respeita à nossa bibliografia medieval»<sup>1</sup>.

Este desalento já vem de longe: Carolina Michaelis, Ribeiro dos Santos e D. Frei Manuel do Cenáculo, todos lamentavam o desca-minho de certo códice que, depois do desaparecimento dum códice alcobacense que D. Frei Fortunato de São Boaventura deitou a perder em Roma, para onde o levara consigo, devia ser o único manuscrito da versão da Bíblia em português<sup>2</sup>. Desde que, porém, identificámos o códice desencaminhado com uma versão da Bíblia histo-rial de Petrus Comester, existente no Museu de Lamego, a extensão das perdas ficou notavelmente reduzida, já que o códice perdido de Alcobaça se revia neste apógrafo importante<sup>3</sup>.

Mais do que isso: a descoberta do códice permitiu-nos estabelecer, com certa segurança, uma relação deste documento com o número 11 dos «Livros de Lingoagem do claro Rey»<sup>4</sup>. Trata-se, com toda a probabilidade, duma cópia dessa «Blívia», que tem características muito próprias, uma vez que em passos notáveis deixa a

---

<sup>1</sup> *História da Literatura Portuguesa*, I, Coimbra, 1947, p. 229.

<sup>2</sup> O mesmo Frei FORTUNATO DE SÃO BOAVENTURA havia publicado o códice de Alcobaça na *Colecção de Inéditos Portugueses dos sécs. XIV e XV*, Coimbra, 1829. O benemérito professor J. da SILVA NETO fez uma reedição sob o título de *Bíblia Medieval Portuguesa*, I, Rio de Janeiro, 1958.

<sup>3</sup> Desta identificação ou descoberta demos conhecimento público num estudo sobre «A Bíblia no Leal Conselheiro», in *Didaskalia*, I, 1971, pp. 251 e ss.

<sup>4</sup> Cf. *Livro chamado da Cartuxa d'Evora*, códice 3390 da Biblioteca Nacional, p. 163 ou a edição crítica do *Leal Conselheiro* por J. M. PIEL, Lisboa, 1942, p. 414.

letra do Trecense pelo latim da Vulgata, chegando mesmo a introduzir a versão de textos nela omitidos. Já editámos nesta mesma revista um desses livros, o de Job<sup>5</sup>. Esperamos resolver o problema que põe ao investigador a existência em separado do livro do *Genesy*, o terceiro dos «Livros de linguagem» de Dom Duarte, e dar a conhecer uma curiosíssima versão do *Código da Aliança* e a sua possível relação com a tradução «a contexto» de que fala o Monarca<sup>6</sup>. Por hoje contentamo-nos com trazer a lume uma versão do *Livro de Jonas*, absolutamente inédita e que o copista da *Bíblia de Lamego* acrescentou imediatamente à versão da Bíblia historial de Petrus Comestor, antes do Livro de Job, mas ainda sob o título de *Livro dos Macabeus*, de que seria o capítulo quarenta<sup>7</sup>.

O texto traz em cabeçalho: «Capit. XL. Como Jonas profeta jouve no ventre da balea e de sua vida e morte» e preenche em mancha contínua 4 linhas do verso do fólho 174 e o fólho 175, rosto e verso, ao todo 83 linhas. A numeração do capítulo pertence ao *Livro dos Macabeus*, conforme indicação ao alto dos fólhos<sup>8</sup>. Na realidade, não há qualquer ligação entre a história de Jonas e o Livro dos Macabeus<sup>9</sup>. De facto, a primeira frase do texto retrocede ao tempo do rei de Israel, Jerobão II, que reinou de 783 a 743<sup>10</sup> e em cujo tempo actuou um profeta chamado Jonas (2Reis 14,15) e que o tradutor, levado pela coincidência de nomes — Jonas, filho de Amitai — identifica com o 5.º dos Profetas Menores.

Depois desta notícia histórica, o tradutor pegou na Vulgata de S. Jerónimo e foi vertendo, sem qualquer sinal distintivo de versículos nem de capítulos, omitindo o «Salmo» do cap. 3.º, que assim fica reduzido a menos de metade. Em compensação, acrescenta no fim da tradução uma notícia biográfica sobre a morte de Jonas que já anunciara no título da versão e se não encontra em parte alguma,

<sup>5</sup> «Versão Medieval Inédita do Livro de Job», in *Didaskalia*, III, 1973, pp. 83-181.

<sup>6</sup> Edição de J. M. PIEL, p. 378.

<sup>7</sup> O original traz uma sigla que tanto poderia ser *R.ta* como *K.ta*. Mais provável, no entanto, é que a maiúscula resulte duma espécie de apóstrofe ao alto da maiúscula L, um X grifado, e o conjunto se deva transcrever por XL.

<sup>8</sup> Segundo o sistema do copista: *Livro*, ao alto do fólho 174 verso, e *dos Macabeus*, ao alto do fólho 175. Deste modo, sempre que se abrisse o livro, aparecia ao alto o nome dele completo: Livro, na página esquerda; dos Macabeus, na página da direita.

<sup>9</sup> Para uma informação mais exacta, devemos acrescentar que os últimos capítulos do *Livro dos Macabeus* já não pertencem à Bíblia, mas à história posterior — os sucessos da família dos Asmoneus até ser substituída por Herodes.

<sup>10</sup> Cf. A. POHL, *Historia Populi Israel...*, Roma, 1933, p. 86.

se descontarmos no resumo da actividade de Jonas feito por Flávio José um obscuro «*hoc ergo eis indicans reversus est*»<sup>11</sup>.

Pela sua ortografia, o texto pertence a uma fase anárquica da escrita portuguesa, que decorre do meado do séc. XIII até ao fim do séc. XV e é caracterizada pela geminação de consoantes e vogais, antes desconhecida, pretensamente apoiada na leitura dos autores romanos que então encetavam a sua carreira triunfal para o neoclassicismo. O nosso texto usa as duas formas, uma vez ao capricho do copista, outras por conveniência da extensão da frase no final da linha ou suas imediações<sup>12</sup>. Outra particularidade desta fase da ortografia do português é o uso da desinência verbal *-eo* em vez de *eu*<sup>13</sup>. A ortografia põe, naturalmente, limites à idade da cópia, aliás documentalmente anterior ao ano de 1558<sup>14</sup>.

Mas importa saber se o tradutor foi também o copista, ou se se trata de duas personagens distintas. Ora o panorama geral do códice não deixa dúvidas a este respeito: estamos perante uma cópia de códice existente na Corte, o que fora pertença do Rei Dom Duarte. Trabalhos posteriores hão-de justificar esta tese. A tradução segue o latim da Vulgata, às vezes servilmente, mas recorrendo com frequência a perífrases, algumas de belo efeito. Num ou noutro caso, o sentido é exacto, mesmo quando a frase se converte de interrogativa em declarativa.

O tradutor possui um domínio apreciável das duas línguas, fazendo corresponder a cada radical latino o termo adequado em português e enriquecendo o texto com a ampliação, geralmente feliz, do campo semântico, de que resultam para 202 vocábulos da Vulgata cerca de 245 palavras portuguesas<sup>15</sup>. Devemos ainda acrescentar cerca de uma dezena de perífrases, sendo a definição de *Oriente* — «parte domde nasce o Sol» — um belo exemplar.

<sup>11</sup> Citámos a edição de Paris, 1514, *De Antiquitatibus Libri Viginti*, fólio 86. A versão das obras de Flávio José para latim aconteceu muito cedo, e vários são os códices que no-la conservam.

<sup>12</sup> Cf. J. J. NUNES, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, Lisboa, 1930<sup>2</sup>, pp. 198-203.

<sup>13</sup> E. B. WILLIAMS, «Old Portuguese — eo», em *Boletim de Filologia*, XI, Lisboa, 1950, p. 61.

<sup>14</sup> A versão do Livro de Jonas, como se disse, faz parte da *Bíblia de Lamego* que, por mandado do Cardeal-Rei, Frei Francisco Foreiro autorizou Francisco de Sá (de Miranda?) a possuir e ler, em 9 de Novembro de 1558.

<sup>15</sup> Não anotámos as várias formas da flexão do verbo, mas registámos novas acepções do mesmo radical.

É sabido que D. Frei Manuel do Cenáculo atribui a versão do códice, cuja abertura cita, a teólogo sabedor da língua hebraica<sup>16</sup>. Mas não afirma que se trate de autor dessa raça. Também nós o não fazemos, embora a analogia com o aparecimento dos códices do Escorial a tal nos possa induzir. O facto é que no Mosteiro de Alcobça havia ao tempo bons tradutores e a Corte estava em constante relação com os sábios monges. Por seu lado, o exame interno não oferece critério seguro, já que o texto evita, por exemplo, o «participio hebraico», desdobrando-o quase sempre em formas verbais finitas. Além disso, a liberdade como traduz o nome do Senhor — *dominus* — a que faz corresponder: *Senhor, Nosso Senhor, Deos, Senhor Deos*, não se apoia em qualquer discordância do texto latino com o texto massorético. Digamos, pois, que não é evidente a presença de mão judaica na nossa versão.

A mesma dúvida já não subsiste quanto ao copista, o qual, como já dissemos, entre outros indícios após a sua chancela à obra total, recolhendo nos últimos fólhos um curiosíssimo feixe de sentenças do *Pirké Abot*<sup>17</sup>. O mesmo terá feito no final do Livro de Jonas, de que os enciclopedistas hebreus parece não terem tido qualquer notícia<sup>18</sup>. Aliás basta ler com alguma atenção estas linhas do fólho: «E veio depois fome... o qual foy soterrado em huñ moymento de huñ dos juizes que foram em Isrrael». A confusão é grande: Ninive já era terra de gentios; o regresso à terra natal coincide inesperadamente com o termo dessa fome que determina o regresso a Ninive; a designação de *terra de Judea* e sua equivalência com *terra de Isrrael* parece um anacronismo pois que é posterior ao tempo da recação do livro de Jonas<sup>19</sup>; a menção do sepulcro dos Juizes em tempo dos reis de Israel — uma diferença de séculos — só pode conceber-se na imprecisão de tradições populares.

Na transcrição do códice cingimo-nos quase sempre às normas que usámos ao publicar o Livro de Job<sup>20</sup>: desdobrámos abreviaturas,

<sup>16</sup> *Cuidados Literários do Prelado de Beja*, Lisboa, 1791, p. 64.

<sup>17</sup> Esta versão medieval, absolutamente inédita, editámo-la a primeira vez na revista da Faculdade de Teologia do Porto — *Humanistica e Theologia*, X, 1989, pp. 89-100.

<sup>18</sup> Desta conclusão nada sabe ou nada nos diz a literatura rabínica, embora houvesse tido oportunidade de o fazer quando discutia qual a tribo de Jonas: se a de Asher, se a de Zabulão. Estas duas opiniões harmonizou-as, entre outros, ABRABANEL, dizendo que o pai era da tribo de Zabulão e a mãe da de Asher (cf. *The Jewish Encyclopedia*, sub voce, no parágrafo «In Rabbinical Literature» e ainda em «Critical View» onde o crítico se limita rigorosamente ao TM, igual ao da Vulgata).

<sup>19</sup> Cf. F. M. ABEL, *Geographie de la Palestine*, I, 1933<sup>2</sup>, pp. 314-317.

<sup>20</sup> Cf. *Didaskalia*, op. cit.

simplificámos consoantes geminadas, no início das palavras, mas não no interior...

No entanto conservámos o til em certos vocábulos, pois nem sempre se pode optar com segurança pela função que exerce nos respectivos termos: se sinal de nasalização, se indício de síncope ou de contaminação com palavras análogas.

Como já atrás se referiu, o texto medieval é um todo contínuo. Qualquer espaço livre, resultante da formação de frases aparentemente separadas, está preenchido por um traço horizontal, prolongado no elemento médio da letra *E*. Fora disso, o único sinal de pontuação reduz-se a um pequeno traço oblíquo que o copista usa com muita frequência.

Já se disse que a tradução do Livro de Jonas coroa a tradução do *Livro dos Macabeus*, de que forma o Capítulo XL. Na Vulgata a profecia consta de quatro capítulos. Para comodidade de confrontação e da leitura das observações ao texto, anotámos à margem os capítulos e os versículos<sup>21</sup>.

J. MENDES DE CASTRO

---

<sup>21</sup> Como é sabido a introdução na Bíblia da divisão em capítulos e versículos fez-se respectivamente no séc. XIII e no séc. XVI (cf. ROBERT-TRICOT, *Initiation Biblique*, Desclée, 1954<sup>3</sup>, p. 432).

### Capit. XL<sup>1a</sup> Como Jonas profeta jouve no ventre da balea e de sua vida e morte

- (E)m tempo de Geroboam rey de Isrraël avia huñ profeta  
 I 1 que se chamava Jonas. E a este profeta disse Noso Senhor: Vay-te  
 2 a gramde çidade de Ninive e prega-lhes dizendo-lhes que o cramo  
 de sua maliçi sobyo a mym. (CLXXV. Ao alto: dos Macabeus)  
 3 E levamtou-sse o profeta Jonas e meteo-sse em huña nave pera fugir  
 pera terra de Tarsis e nam ir a Ninive omde o mandava nosso Senhor.  
 4 E nosso Senhor lamçou gramde vemto no maar e foy feyta  
 gramde tempestade pella qual a não estava em pomto de se perder  
 5 e os marinheiros ouveram muy gramde temor e bradavam ao seu  
 deos e lamçaram fora da nave o que levavam por se salvarem. que  
 (cortado) E o profeta Jonas meteo-sse no fundo da nave e jazia  
 6 dormindo com sono muy pessado. E disse-lhe o mestre da nave:  
 Porque dormes asy? Alevamta-te e chama o teu Deos se per  
 vemtura avera cuidado de nos que nos nam percamos.  
 7 E disse o mestre da não a huñ seu companheiro: Vimde e  
 8 lamçemos sortes sobre nos por quem nos vem este mal. E lançaram  
 sortes e cayo sobre o profeta Jonas ao quall pregumtaram dizendo:  
 Dize-nos porque vem este mal a nos e de que terra es e que mester  
 9 has ou a que terra vas e de que povo eres. E respomdeo-lhes Jonas:  
 Eu sam judeu e temo ao Senhor Deos do Ceo que fez o maãr e

- 
- I 1 «este profeta, Vg. Jonas (TM). A condição de profeta atribuída a Jonas resulta da leitura de 2 R. 14,15, repetida na abertura da tradução e várias vezes no seu texto, sem correspondência bíblica. Aliás, a «profecia» de Jonas pertence mais ao género didáctico e tem afinidades com um *midrash*.  
 2 *cramo... maliçi*: lapso do copista, por *cramor* e *maliça*.  
 3 *nosso Senhor*: Vg. e TM. om. sempre *nosso*.  
 5 *o que levavam*: o copista repetiu *o que*, inutilizando a seguir a expressão com um traço.  
 7 *mestre na não*: Vg. (TM) vir.  
 8 *eres*: Vg. es. Lapso do copista que antes escreveu correctamente *es*. Indício de ascendência castelhana do copista?

a terra. Entam ouveram grande temor os homens da naão e 10  
 disseram a Jonas: Porque fizeste isto? Emtam lhes disse Jonas  
 como fugia d'amte a façe de Deos por nam ir omde elle mamdava.  
 E disseram-lhe os marinheiros: Que faremos pera se amanssar este 11  
 mal que he tam bravo? E disse-lhds Jonas: Tomai-me e lançai-me 12  
 no maar e logo amamssará esta tormenta, ca eu sey que por mym  
 vos veo esta tormemta tam grande sobre vos.

E os marinheiros remavam por se tornar a terra e nam podiam 13  
 que o maar era muy bravo sobre elles. E elles bradaram a Deos 14  
 dizendo: Senhor rogamos-te que nam pereçamos na alma deste  
 homem e nam dees Senhor o sange inoçente que tu Senhor fizeste  
 isto asy como te prouve. E tomaram Jonas e lançaram-no no maãr 15  
 o qual logo amamssou de sua braveza. E os homeês da naão 16  
 ouveram grande temor do Senhor Deos e fizeram sacrificios e  
 votos e prometimentos ao Senhor Deos.

E o Senhor Deos aparelhou no maar huñ grande peixe pera 1 II  
 emglutir o profeta Jonas, o qual o engulio e esteve no ventre delle  
 tres dise e tres noytes o qual fez oraçam a nosso Senhor dentro do 2  
 ventre do peixe.

E mamdou nosso Senhor ao peixe que o lançasse fora de sy e 11  
 logo o peixe o lamçou em terra.

E dise emtam o Senhor Deos a Jonas: Levamta-te e vay a 1-2 III  
 grande çidade de Ninive e pregoa aly aquelo que te eu mamdo.  
 E alevamtu-sse Jonas e foy a çidade de Ninive. Aquella çidade 3  
 era tam grande que avia tres dias d'amdadura. E começou Jonas 4  
 emtrar na çidade amdadura de huñ dia e bradou dizemdo: Daquy  
 a coremta dias sera sovertida esta çidade de Ninive.

Emtam os homens da çidade ouveram grande esperança em 5  
 nosso Senhor Deos e mandaram apregoar jejuũ jeral e vistiram-se

11 *mal*: Vg. «mare». Lapso do copista.

*tam bravo*: Vg. «quia mare ibat et intumescebat».

14 *Deos*: Vg. «Domine» (TM. יהרה).

16 *Senhor Deos*: Vg. «Dominum» (TM. יהרה).

II 1 *o qual o engulio*: Vg. e TM. om.

3-10 Vg. e TM.: «Salmo» ou um centão de Salmos, omitido no texto, o qual  
 retoma a narrativa no v. 11, o último do capítulo.

III 1 *Senhor Deos*: Vg. «Domini» (TM. יהרה).

- 6 todos de saquos des o mayor ate o mais pequeneno. E soube el-rey de Ninive aquello que disera Jonas e levamtou-sse de sua cadeyra lamçando de sy a vestidura real e vistio-se (CLXXV, verso. *Ao alto:*
- 7 Livro) em saquos e assemtou-sse em cimza; e bradou dizemdo: Os homeẽs da çidade e as bestas e os gaados nam comam cousa
- 8 nenhuũa nem paçam nem bebam agoa; e os homeẽs e as bestas sejam cubertos de saquos e bradem ao Senhor Deos fortemente e todo homem se torne de sua mã carreira e de sua maldade
- 9 ca sabey que Deos nos perdoará e se tornará de sua sanha e nam pereçeremos.
- 10 Emtam vio Deos aquillo que faziam e como se to«navam de sua mã carreira e merçeou-sse delles nam lhe queremdo fazer aqule mal que dizia que lhes quiria fazer.

- IV 1 E o profeta Jonas foy posto em grande coyta por isto; e
- 2 asanhou-sse porque ficara em mintira daquelo que dissera e orou a nosso Senhor e disse: Senhor Deos isto he o que eu dizia quando estava em minha terra e por iso quisera eu fugir pera terra de Tarsis porque eu sey que tu Senhor es piadoso e misericordioso e paçiente e de muyto amerçeamto e es muy liberal sobre os pecados dos
- 3 homeẽes e agora Senhor rogo-te que tires a minha alma de mym ca melhor he a morte que a vida. E disse-lhe Deos: cuidas tu que te assanhas com rezam?
- 4 E sayo-sse Jonas da çidade e asemtou-se açerqua da çidade da
- 5 parte domde naçe o Sol e fez aly huũa ramada pera lhe fazer sombra, o qual estava aly ate que vise o que acomteçya a çidade.
- 6 E nosso Senhor aparelhou aly huũa herva que ha nome hera, sobre a cabeça de Jonas pera lhe fazer sombra comtra o Sol. E Jonas ouve grande alegria com ella.
- 7 E mamdou Deos a huũ bicho que firise aquella herva e a secase
- 8 e secou-sse. E quando naçeo o Sol mamdou Deos huũ vemto for e e quemte e firio o Sol sobre a cabeça de Jonas e elle avia grande

9 *ca sabey*: Vg. (TM) «quis scit...?»

IV 1 *porque... dissera*: Vg. e TM. om.

2 *Senhor Deos*: Vg. «Dominum»; (TM. יהוה).

4 *Deos*: Vg. «Dominus» (TM. יהוה).

6 *Nosso Senhor*: Vg. (TM) «Dominus Deus».

*huũa herva que ha nome hera*: Vg. «heram», sem mais.

7.9.10 *herva.*: Vg. «hederam... hedera... hederam»

quemtura e pidio a sua alma que morresse dizendo: Melhor he a mim a morte que viver. E disse Deos: Cuidas tu que bem te asanhas contra aquella herba? E respondeo Jonas: Bem me asanho eu ate morte. 9

E disse o Senhor Deos: Tu te queixas pella herba por que tu nam trabalhaste nem fizeste creçer que creçeo em huã noyte e em outra se perdeo; e pois nam perdoarey eu a çidade de Ninive em que ha mais de çemto e vimte mil homeës que nam sabem o que ha da sua destra a sua sestra? 10 11

E veo depois fome em terra de Ninive e partio-sse daly o profeta Jonas e foy-se morar amtre os gentios e levou comsigo sua madre e nam quis morar em sua terra, porque avia vergonha daquello que profetizara contra a çidade de Ninive porque fora achado em memtira. E depois que pasou a fome tronou-se Jonas pera terra de Judea. E morreo sua madre e depois morreo elle, o qual foy soterrado em huñ moymento de huñ dos juizes que foram em Isrrael.

---

10 *Senhor Deos*: Vg. «Dominus», (TM. יהוה).

11 *sestra*: Vg. (TM.) ad. «et jumenta multa?». Neste passo termina o texto bíblico.